

Editorial: Por uma crítica decolonial à historiografia colonialista brasileira

Dalila Varela Singulane*

Marcus Vinicius Reis**

* Editora-chefe da Escritas do Tempo. E-mail: dalilavarela.s@gmail.com

**Editor-chefe da Escritas do Tempo. Professor PPGHIST-Unifesspa. E-mail: marcus.reis@unifesspa.edu.br

A historiografia brasileira, por muitas décadas, esteve ancorada em uma estrutura epistemológica forjada nos interesses do colonialismo e da branquitude. Poucos nomes simbolizam tão claramente essa lógica quanto Gilberto Freyre, cuja obra “Casa-Grande e Senzala” (1933) consolidou uma narrativa que romantizou as relações entre senhores e escravizados sob o rótulo de uma suposta democracia racial. Essa interpretação, amplamente divulgada e celebrada, não apenas falseou as violências da escravidão, como também ofereceu uma base ideológica confortável para a continuidade do racismo estrutural no Brasil.

Ao privilegiar uma perspectiva harmônica das relações raciais na colônia, Freyre desmobilizou a crítica às hierarquias impostas pelo regime escravocrata e apagou a agência dos povos negros e indígenas na constituição de resistências e culturas próprias. A naturalização da mestiçagem como sinônimo de conciliação e de identidade nacional serviu, de fato, para mascarar a violência fundante do projeto colonial. O impacto dessa visão na historiografia é profundo: por décadas, pesquisas sobre o Brasil Colônia desconsideraram as dinâmicas de poder, exploração e genocídio que sustentaram a colonização.

É preciso reconhecer que esse legado historiográfico não é neutro. Ele moldou imaginários históricos que ainda hoje influenciam currículos escolares, políticas públicas e representações midiáticas. Portanto, é necessário o fomento da crítica decolonial no ambiente acadêmico brasileiro, para que possamos questionar os alicerces da historiografia colonialista, denunciar as ausências, silenciamentos e apagamentos.

Este número da revista se alinha a esse esforço de complexificação e reexistência. Convidamos leitoras e leitores a refletirem sobre como a história pode ser instrumento de emancipação, desde que esteja comprometida com a justiça social e a decolonização do saber.

